

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS - SESA  
FACULDADE AMADEUS - FAMA  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**JEANE DOS ANJOS SOUZA**

**SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Aracaju – SE  
2018.1**

**JEANE DOS ANJOS SOUZA**

**SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Artigo científico apresentado à Faculdade Amadeus como trabalho de conclusão de curso e requisito básico para obtenção do título de Especialista em

Orientador: Prof. Esp.. Williams dos Santos

**Aracaju – SE  
2018.1**

# SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Jeane dos Anjos Souza<sup>1</sup>

## RESUMO

Com o objetivo de analisar o papel da escola, em relação a temas como gênero, diversidade e sexualidade, a pesquisa foi realizada. Nessa pesquisa qualitativa, foi feita a fundamentação teórica por meio de autores como Louro (2010), os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) etc. Os objetivos propostos foram: analisar as manifestações sobre sexualidade, gênero e identidade sexual no âmbito da educação infantil, no que se refere ao trabalho docente e a perspectiva da criança: Contribuir na ampliação do conhecimento sobre os conteúdos; Conhecer os diferentes estereótipos sobre sexualidade, gênero e identidade sexual presentes em nossa sociedade. Esse artigo possibilita a reflexão a respeito dos problemas do cotidiano sobre sexualidade, gênero e diversidade na família, na escola e na sociedade, em relação a hábitos, valores e características, com o propósito de facilitar o diálogo entre professores e alunos/pais e filhos. Para tanto se pensou: qual o papel dos professores e professoras na formação crítica de seus alunos e alunas sobre a sexualidade? E como a visão sobre sexualidade, sob a perspectiva de professores e alunos da educação infantil é tratada na literatura atual? Concluiu-se que nas escolas os professores e nas famílias os pais, não estão preparados para um diálogo, ou para orientar nossas crianças sobre essas temáticas, logo, percebemos que tanto a escola como a família precisam caminhar juntas, para que nossas crianças tenham um bom desenvolvimento na aprendizagem, no psicológico e no emocional, e assim lidem com sua sexualidade naturalmente, livre dos tabus e preconceitos que rondam essa temática.

**Palavras-chave:** Escola. Família. Sexualidade.

## ABSTRACT

In order to analyze the role of the school, in relation to themes such as gender, diversity and sexuality, the research was carried out. In this qualitative research, the theoretical foundation was made through authors such as Louro (2010), the National Curricular Parameters (1997), etc. The proposed objectives were: to analyze the manifestations about sexuality, gender and sexual identity in the context of the education of children, with regard to teaching work and the perspective of the child: Contribute in the expansion of knowledge about the contents; To know the different stereotypes about sexuality, gender and sexual identity present in our society. This article makes possible the reflection on the daily problems of sexuality, gender and diversity in the family, school and society, in relation to habits, values and characteristics, with the purpose of facilitating the dialogue between teachers and students / parents and children . For that, we thought: what is the role of teachers in the critical formation of their students about sexuality? And how does the view on sexuality from the perspective of teachers and students of early childhood education be addressed in current literature? It was concluded that in schools, teachers and families are not prepared for dialogue or to

---

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Amadeus. E-mail: jeaneanjosouza@hotmail.com

guide our children about these issues, so we realize that both school and family need to walk together, so that our children have a good development in learning, psychological and emotional, and thus deal with their sexuality naturally, free from the taboos and prejudices that surround this theme.

**Key - words:** School. Family. Sexuality.

## **INTRODUÇÃO**

A escolha do tema sexualidade na educação infantil como objeto de estudo deste artigo deve-se a alguns fatores: além da complexidade e atualidade, trata-se de questão que desde os primórdios causa constrangimento ao ser colocado em pauta. Percebe-se que não é só uma questão pessoal, mas, também, social e política.

Vamos perceber que esse tema que não era muito debatido nas escolas e recentemente ele foi inserido como educação social e orientação sexual.

De modo pessoal o interesse surgiu nas aulas de psicologia, logo depois da conclusão de um trabalho sobre o tema, oportunidade na qual foi despertada a curiosidade em buscar investigar, diante de tantas crenças, preconceitos e tabus, as práticas pedagógicas no que se refere a gênero e diversidade, mostrando as dificuldades que nós docentes, ainda hoje encontramos para lidar com estas questões nas séries iniciais do ensino fundamental.

Ao assim proceder pretende-se contribuir com a desmistificação desta temática no âmbito escolar bem como melhor assessorar nossos discentes. Para este artigo, com o intuito de acessar o conhecimento existente sobre a temática em tela, realizou-se pesquisa bibliográfica na área da Psicologia, da Pedagogia e Ciências Humanas, com autores como Louro (2010), Weeks (1996), Ramalho (2014), Bock, Furtado e Teixeira (2002).

Esse artigo possibilita a reflexão a respeito dos problemas do cotidiano sobre sexualidade, gênero e diversidade tanto na família, quanto na escola e na sociedade, as relações entre hábitos, valores, características e outros, com o propósito de facilitar o diálogo entre professores e alunos/pais e filhos. Para tanto se pensou: qual o papel dos professores e professoras na formação crítica de seus alunos e alunas sobre a sexualidade? E como a visão sobre sexualidade, sob a perspectiva de professores e alunos da educação infantil é tratada na literatura atual?

O presente artigo tem como objetivos analisar as manifestações sobre sexualidade, gênero e identidade sexual no âmbito da educação infantil, no que se refere ao trabalho docente e a perspectiva da criança; contribuir na ampliação do conhecimento sobre os conteúdos, ligada a sexualidade, gênero e identidade no âmbito escolar; conhecer os diferentes estereótipos sobre sexualidade, gênero e identidade sexual presentes em nossa sociedade.

Foi uma pesquisa de abordagem qualitativa com a metodologia de cunho bibliográfico. A pesquisa realizou-se com o propósito de analisar as transformações na sociedade e no mundo sobre a sexualidade, diversidade de gênero, a busca da identidade; identificar contribuições nos âmbitos emocionais e no familiar para o crescimento individual do ser humano.

A pesquisa qualitativa é um paradigma de investigação científica que foca na opinião do indivíduo diante do objeto analisado, sua visão a respeito do assunto estudado, com seus pontos de vista em assuntos relacionados ao objeto de estudo, será feita uma pesquisa documental também! Tentando compreender o comportamento de determinado grupo ou objeto que se estuda. E nesse tipo de pesquisa o pesquisador pode integrar a sua opinião, diferente da quantitativa que contabiliza quantidade. (MAGALHÃES e ALBINO, 2005)<sup>2</sup>.

Segundo Denzi e Lincoln (2006) o berço da pesquisa qualitativa está na sociologia e na antropologia onde a perspectiva metodológica utilizada era entender o outro. Esse artigo de pesquisa será de cunho bibliográfico, que permite ao pesquisador um conjunto de trabalhos relacionado ao tema, com amplitude, para alcançar os objetivos do projeto em questão. A pesquisa qualitativa é de bastante importância na aquisição de conhecimentos históricos, porém, nós pesquisadores precisamos comparar os dados, analisando e buscando diversas fontes e sempre atentos ao conteúdo coletado.

Percebemos que os conflitos com esse tema existem desde os primórdios, nos últimos anos, essa discussão está mais aberta devido a mídia e a ampliação da liberdade de expressão proporcionada principalmente pelo acesso às redes sociais. Justifica-se a pesquisa como um tema amplo que pode ser tratado a partir de diferentes contextos. Compreendo que a aprendizagem sobre esse assunto é de

---

<sup>2</sup> Ver referências digitais.

fundamental importância para alunos e professores quanto uma orientação sobre assuntos referentes ao corpo, sexualidade, gênero e identidade no ambiente escolar.

Desse modo, é importante compreender que a sexualidade heteronormativa, termo definido pela Wikipédia como condição para descrever situações nas quais orientações sexuais diferentes da heterossexual são marginalizadas, ignoradas ou perseguidas por práticas sociais, crenças ou políticas, por si já é um tema polêmico que tem sido ampliado com outras questões, tais a: homossexualidade X heterossexualidade, identidade de gênero, homofobia, gênero e outros, obrigando professores a se atualizarem, a buscar conhecimento para aprender a lidar com todos esses temas que por muitas vezes vão até mesmo contra suas concepções pessoais, mas que fazem parte do seu trabalho como construtor de uma sociedade que está em constante mudança.

## **CONCEITO DE SEXUALIDADE**

Sexualidade é um termo que traz em si mesmo uma complexidade epistemológica que somente é possível compreender quando nos debruçamos e aguçamos o olhar sobre as várias possibilidades de sua explicação. Acreditamos que:

Sexualidade é muito mais do que sexo. Ela é um aspecto central da vida das pessoas e envolve papéis sexuais, orientação sexual, erotismo, prazer, envolvimento emocional, amor e reprodução. A sexualidade é vivenciada e expressada por meio de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Em todas as sociedades, as expressões da sexualidade são alvo de normas morais, religiosas ou científicas, que vão sendo aprendidas pelas pessoas desde a infância. A sexualidade envolve, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura. É importante buscarmos o autoconhecimento, para que possamos fazer as escolhas que sejam mais positivas para a nossa vida e para a expressão da nossa sexualidade. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006, p. 22 apud ANDRADE e MONTEIRO, 2013, p.03).

Assim, é possível afirmar com o Ministério da Saúde, que a sexualidade são sentimentos que envolvem não só o corpo, mas a mente, o outro, a família, a escola, a sociedade em geral. É a sensualidade que é natural a nós seres humanos e se confunde com essa sexualidade que alguns educadores tendem a associar a puberdade ou adolescência, mas, que na verdade acontece desde os primeiros anos de nossas vidas, quando ainda somos bebês. Nos estudos obtidos em livros, artigos

e textos encontrados, percebe-se que é de suma importância aprofundar-se nessa temática, que gera constrangimentos, para encontrar alternativas e influenciar positivamente a restrição que encontramos na área educacional sobre a sexualidade.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2008), sexualidade é:

Uma energia que nos motiva a procurar amor, contato, ternura e intimidade; que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e por isso influencia a nossa saúde física e mental (OMS, 2008 apud ANDRADE e MONTEIRO, 2013, p. 3 e 4).

É interessante quando a Organização Mundial de Saúde menciona a sexualidade como uma energia que nos motiva, influenciando nossos sentimentos, a maneira como nos relacionamos, temos a visão, que é uma característica humana, mas, que mesmo nos dias atuais provoca constrangimentos quando expomos essa sexualidade e/ou sensualidade. Mesmo hoje, quando as crianças manifestam sua sexualidade através de jogos ou explorando o próprio corpo por curiosidade, os adultos não compreendem e os julga erroneamente.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, a sexualidade, assim como a inteligência, será construída a partir das possibilidades individuais e de sua interação com o meio e a cultura. Os adultos reagem de uma forma ou de outra, aos primeiros movimentos exploratórios que a criança faz em seu corpo e aos jogos sexuais com outras crianças. As crianças recebem então, desde muito cedo, uma qualificação ou “julgamento” do mundo adulto em que está imersa, permeado de valores e crenças que são atribuídos à sua busca de prazer, o que comporá a sua vida psíquica. (BRASIL, 1997).

Entendemos que o PCN (op. cit.) constata, que realmente as crianças apesar de sua inocência na descoberta da sexualidade, são julgadas por adultos, talvez por ignorância ou talvez por não ter a devida habilidade para tratar do assunto em questão.

Ramalho (2014, p. 67) define:

A sexualidade é um processo natural nos seres humanos, uma função como tantas outras, que tem aspectos biológicos e psicológicos, sociais e culturais. O tema da sexualidade, no entanto, não é um conteúdo científico qualquer, ele é repleto de noções preconceituosas. Portanto, o professor deve estar atento aos seus próprios preconceitos ao tratar deste conteúdo.

Observamos que os professores por terem sofrido preconceitos tenham dificuldade em ministrar uma aula sobre sexualidade, tendo desenvoltura para ministrar sobre biologia como comentou Ramalho.

Nos estudos feitos entre historiadores e cientistas sociais, considere:

Não se deve concebê-la como uma espécie de dado da natureza que o poder tenta pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico. (FOUCAULT, 1993, p.100 apud WEEKS, 2010, p. 44).

Analisando o que foi citado acima de fato, a sexualidade é um dispositivo histórico, uma rede entre elementos como a moral, o científico, o filosófico, etc., e não se deve formar uma ideia confusa ou indefinida sobre a mesma.

De acordo com Louro (2010, p. 11):

A sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente “natural” nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza.

Segundo o autor acima citado, os processos culturais podem influenciar na mudança de comportamento ou de opção sexual, que são impostos pela sociedade, onde a relação de poder muitas vezes molda o indivíduo não da maneira que eles gostariam de agir, e sim como são cobrados a se comportarem.

Segundo Nunes e Silva (2006, p. 73) “a sexualidade transcende à consideração meramente biológica, centrada na reprodução e nas capacidades instintivas”. Sendo assim, compreendemos que a sexualidade vai além dos estudos biológicos, é algo complexo que envolve várias áreas na vida do ser humano.

Chauí (1984), afirma que entendemos que a sexualidade não ocorre apenas no ato sexual, uma carícia em alguma parte do corpo nos leva a libido.

A sexualidade não se reduz aos órgãos genitais, porque qualquer região do corpo é susceptível de prazer sexual, desde que tenha sido investida de erotismo na vida de alguém, e porque a satisfação sexual pode ser alcançada sem a união genital (CHAUI, 1984, p. 17).

Podemos observar que a sexualidade não ocorre somente quando os corpos se encontram, mas, também devido um toque, uma carícia, uma experiência do prazer advindo do toque.

## **DESCOBERTA DA SEXUALIDADE**

Nos textos estudados, foi possível observar que a sexualidade é desenvolvida por nós seres humanos logo que nascemos, nos primeiros contatos que temos com nossa mãe, de carinho ou quando estamos comendo na hora da amamentação.

Bock, Furtado, Teixeira (2013), cita Freud em relação a descoberta da sexualidade infantil, que ocorre nos primeiros anos de vida, e também em relação as experiências da descoberta do próprio do corpo, algum tipo de repressão que nesse período deixam marcas traumáticas, na estruturação do ser humano.

Corroborar-se com o que foi citado acima por Bock, Furtado, Teixeira (2013), quando estes dizem que a função sexual acontece nos primeiros anos de vida e isso ocorre com repressão, apesar de ser uma fase de inocência, e atualmente esse tema ainda sofre com tabus, deve ser trabalhada com a família, a escola e a sociedade em geral, devido a tantas mudanças ocorridas no desenvolvimento do ser humano.

Bock, Furtado, Teixeira (2013), ainda cita Freud, quando menciona, que nos primeiros anos de vida, o prazer é desenvolvido no próprio corpo, como é explicado nas fases do desenvolvimento que são: a fase oral, onde a zona do erotismo é a boca; a fase anal, onde o erotismo ocorre no ânus; e a fase fálica, onde a zona de erotismo é o órgão sexual; em seguida vem o período de latência, que se prolonga até a puberdade, onde ocorre uma diminuição em relação ao erotismo. E na puberdade se atinge a última fase, a genital, onde o objeto de erotismo ou de desejo é o corpo do outro.

Abordamos juntamente com Freud que as fases do desenvolvimento sexual, tem um pequeno intervalo no período dos quatro anos (04) ou cinco anos (05), até a adolescência onde o interesse sexual nessa fase é em relação ao corpo do outro. A sexualidade é algo inerente ao ser, pois, está presente em todas as fases da vida, no processo de desenvolvimento, até chegar a fase adulta.

## **IDENTIDADE, GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA**

A escola deve empreender, em seu cotidiano, como recomendam os Parâmetros Curriculares Nacionais Brasil (1997), uma reflexão acerca das múltiplas cidadanias e identidades, necessárias para a construção de uma sociedade

democrática. A pluralidade cultural, presente no cotidiano escolar, ratifica a diversidade cultural como traço fundamental na construção das identidades, definida e negociada no campo dos conflitos e das infinitas possibilidades de singularização.

Diante do contexto das pesquisas efetuadas, identidade é uma opção íntima de como cada ser único se relaciona com seu corpo e com sua opção sexual, é atitude.

Sendo assim,

Num mundo de fluxo aparentemente constante, onde os pontos fixos estão se movendo ou se dissolvendo, seguramos o que nos parece mais tangível, a verdade de nossas necessidades e desejos corporais. [...] O corpo é visto como a corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar. Por que outra razão estamos tão preocupados em saber se os desejos sexuais, sejam hetero ou homossexuais, são inatos ou adquiridos? Por que por outra razão estamos tão preocupados em saber se o comportamento generificado corresponde aos atributos físicos? Apenas porque tudo o mais é tão incerto que precisamos do julgamento que, aparentemente, nossos corpos pronunciam (WEEKS, 1995, p. 90-91 apud LOURO, 2010, p. 14).

Percebe-se a preocupação dos autores acima citados em relação ao corpo, a sensibilidade que devemos ter, para orientar nossos alunos, quanto a sua identidade, diante do que o corpo de cada um se expressa.

Conforme RAMALHO comenta:

É muito diferente a educação sexual dada aos meninos e as meninas, na sociedade que vivemos, afetando o desenvolvimento sexual de ambos. Nossa cultura valoriza e estimula o homem a ser sexualmente ativo, e às meninas é culturalmente reservada a inibição da sexualidade. Apesar dos conceitos sociais mudarem, o preconceito sexual diferencia a sexualidade entre gêneros: o masculino pode ter muitas aventuras, enquanto a mulher, pelo mesmo comportamento, receberia socialmente um adjetivo depreciador e poderia ser punida socialmente. (RAMALHO, 2014, p. 90).

Somos da mesma opinião de Ramalho (2014), quando afirma que as diferenças existentes ainda hoje quanto à questão de gênero, a relação de poder, onde o masculino pode tudo e o feminino deve ser subjugado por ele, não cabe mais na formação das novas gerações, devemos pregar a igualdade de gênero, hoje as mulheres já estão conquistando seu espaço na sociedade, uma liberdade que vem seguida do aumento de responsabilidades. No nosso mundo a diversidade sexual é predominante, e cabe a nós respeitar e aceitar cada um como quer ser e viver. Como já foi citada anteriormente, a sexualidade é desenvolvida por nós seres humanos logo que nascemos.

Nesse contexto, sabemos que “nossas identidades de gênero e sexualidade não são naturais como se supõe: ser menino heterossexual, por exemplo, é uma condição construída culturalmente” (SABAT, 2004, p. 95).

Sendo assim a afirmação da autora mostra que de fato nossas identidades não são naturais e sim adquiridas ao decorrer de nossas vidas através não só da cultura em que vivemos mais das nossas escolhas.

Os professores na maioria das vezes se encontram no papel de vigilantes e não de educadores:

Muitas professoras tomam para si a responsabilidade de vigilância diante da possível orientação sexual das crianças, especialmente quando se trata de meninos, pois na nossa cultura muitos adultos vêem com extrema reserva o fato de alguns meninos demonstrarem comportamentos considerados não apropriados com a sua masculinidade. Dessa forma, brincar de boneca ou estar sistematicamente brincando de casinha com as meninas, ou querer fantasiar-se de personagens femininos, ainda é visto com muita preocupação por parte de profissionais que atuam em creches e pré-escolas. (FELIPE, 1999, p.58)

De certo que ainda é muito forte na nossa cultura ou formação como profissionais aceitar a heteronormatividade, principalmente sendo demonstrada no período da infância, seja nas brincadeiras, no modo de falar, andar ou vestir-se.

## **SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Como já foi citada anteriormente, a sexualidade é desenvolvida por nós seres humanos logo que nascemos, de acordo com Ratusniak (2011), quando nos explica que:

A educação sexual existe desde que a criança nasce, pois a sexualidade faz parte do sujeito e a educação é um processo intrínseco às relações sociais. Muitas vezes, a escola fica paralisada perante as manifestações da sexualidade, [...] muitas vezes, culpa-se o aluno ou a família por atitudes inadequadas ou concepções preconceituosas, sem considerar que a escola também produz o preconceito, pois também é permeada por juízos de valores. [...] (RATUSNIAK, 2011, p. 41).

Entende-se que a escola tem que se manter neutra quando se refere a comportamento diferenciados em relação a sexualidade, que é algo individual e que o problema está no preconceito que ronda nossa sociedade.

Em resposta ao texto “Esclarecimento sexual das crianças”, Freud diz:

É muito simples e até óbvia: as crianças devem receber educação sexual assim que demonstrem algum interesse pela questão. Essa resposta é uma decorrência natural do fato de entender que, se já existe na experiência da criança algo de natureza sexual, não há por que negar a ela as informações através das quais poderá dominar, intelectualmente, o que já é conhecido no plano da vivência. (FREUD, 1907 apud KUPFER, 2005, p. 46)

Apoiamos que a simplicidade desde cedo, ter diálogos, com nossas crianças, auxiliando-os no esclarecimento em algo indefinido, ou até, que faz parte de seu comportamento e de manifestação ou sensações que venham a surgir em suas vidas.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's:

As manifestações da sexualidade infantil mais frequente acontecem na realização de carícias no próprio corpo, na curiosidade sobre o corpo do outro, nas brincadeiras com colegas, nas piadas e músicas jocosas que se referem ao sexo, nas perguntas ou ainda na reprodução de gestos e atitudes típicos da manifestação da sexualidade adulta. (BRASIL, 1997, p. 130).

Ao passo que, desde muito cedo, as crianças têm curiosidade ao tocar o seu corpo e o do outro, ou até mesmo de ter atitudes de imitação do comportamento dos adultos.

Admitimos juntamente com Nunes e Silva (1987) que:

Sexualidade infantil é muito mais autêntica porque as crianças em geral não precisam provar nada a ninguém e também não estão preocupadas com os padrões de "normalidade" que a sociedade impõe aos adultos. Reprimir a sexualidade da criança é reprimir seu corpo, que se constitui na base real de seu próprio ser, sua relação consigo mesma e sua personalidade. Porque, afinal, não existe uma separação entre a sexualidade infantil e a sexualidade adulta. Existe sim uma ligação única e uma continuidade entre elas, ou seja, são inseparáveis e consequentes. (NUNES e SILVA, 1987, p. 52).

Com certeza a sexualidade adulta é continuidade da sexualidade infantil e que as crianças não estão preocupadas com os tabus impostos pela nossa sociedade, porém, os adultos não estão preparados para responderem as curiosidades que os pequenos desenvolvem a cada dia na descoberta do próprio corpo.

A opinião de Camargo e Ribeiro (1999) é que:

A infância, portanto, é uma categoria que existe no espaço social em que é estabelecida, negociada, desestabilizada e reconstruída no decorrer da história da humanidade, na qual o poder, sob várias formas, vem coagindo corpos e mentes infantis mediante um mecanismo próprio que é a disciplina. (CAMARGO e RIBEIRO, 1999, p.27 e 28).

Fortalecemos a opinião dos autores acima, de como a infância sofre repressões, influenciados por uma disciplina imposta pelos adultos que muitas vezes sofreram essa mesma repressão e não aprenderam a lidar com a sua própria sexualidade.

Bernardi (1985) se habilita a dizer que “se gostamos que a criança descubra ler sozinha, porque não gostamos quando ela começa a aprender sobre o seu corpo, sexo, prazer (sentimento de horror) construção do horror” (BERNARDI,1985, p.31).

Desse modo como diz Bernardi, que gostamos, até incentivamos certas descobertas que ocorre naturalmente com nossas crianças como ler, escrever, mas, no que se refere à sexualidade por mais natural que seja o preconceito e os tabus ainda são constantes.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

Será por meio do diálogo, da reflexão e da possibilidade de reconstruir as informações, pautando-se sempre pelo respeito a si próprio e ao outro, que o aluno conseguirá transformar e/ou reafirmar concepções e princípios, construindo de maneira significativa seu próprio código de valores. (BRASIL, 1997, p.128).

Em resumo tudo na vida precisa prevalecer o respeito, que se consegue através de um bom diálogo, muita reflexão, construção e reconstrução de valores, concepções e princípios.

## **CONTRIBUIÇÕES DO TRABALHO DOCENTE QUANTO A SEXUALIDADE NAS ESCOLAS**

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais, “o educador deve reconhecer como legítimo e lícito, por parte das crianças e dos jovens, a busca do prazer e as curiosidades manifestas acerca da sexualidade, uma vez que fazem parte de seu processo de desenvolvimento” (BRASIL, 1997, p. 123).

Portanto, como educadores que somos, é justificável o estímulo que as crianças têm de querer saber sobre sexualidade nas várias fases de seu desenvolvimento como ser.

Segundo os PCN's (1997), admitimos:

Ao atuar como um profissional a quem compete conduzir o processo de reflexão que possibilitará ao aluno autonomia para eleger seus valores, tomar posições e ampliar seu universo de conhecimentos, o professor deve ter discernimento para não transmitir seus valores, suas crenças e opiniões como sendo princípios ou verdades absolutas. (BRASIL,1997, p. 123)

Deste modo, como profissionais capazes de compreender situações e avaliar com bom senso, levar nossas crianças a refletirem sobre o assunto, sem influenciá-los com nossas vivências.

O professor, além de mediador é um agente da transformação. Como dizia Freire (1996), “ensinar é criar as possibilidades para a produção e construção do conhecimento pelos próprios alunos” (FREIRE, 1996, p. 25).

Portanto, nós educadores temos um papel importante com nossos educandos (as), na construção de conhecimentos, esclarecimentos, em relação às dúvidas que surgem referentes à sexualidade, que atualmente são inúmeras.

Ainda segundo Gavídia (2002):

Percebe-se que existe uma ausência de formação inicial dos educadores sobre a transversalidade, visto que este assunto não foi tratado no curso universitário e em razão dessa lacuna, nota-se uma situação de desprezo ao que representam as matérias transversais, de desenvolvimento de atitudes, de contextualização dos temas de estudo, de aproximação à realidade e às necessidades dos alunos. Outro requisito básico para o professor assumir a responsabilidade de um projeto de educação sexual, é sua necessária formação neste tema, pois torna-se difícil trabalhar de maneira efetiva qualquer tipo de situação dentro da educação, se os educadores não tiverem a sensibilidade e a preparação necessárias para conhecer os principais problemas que afetam a sociedade em geral e os alunos em particular (GAVÍDIA, 2002, p. 24).

De fato, a educação em nosso país está cada vez mais difícil, com profissionais sem condições apropriadas para exercer seu trabalho de maneira eficaz e com a formação aprimorada no que diz respeito a temas como a sexualidade, que exigem uma preparação adequada e muita sensibilidade para transmitir o conteúdo aos alunos.

Existe uma grande dificuldade por parte dos professores quanto ao tratar os temas referentes à sexualidade, devido à própria educação que tiveram. Quanto a esse particular Camargo e Ribeiro (2000), esclarecem:

A formação do educador tem de ser considerada não apenas quanto à produção teórico-científica que embasa o conhecimento sobre a criança, mas também quanto ao seu autoconhecimento. O preparo dos educadores implica o despertar de suas potencialidades, favorecendo a expressão de sua criatividade, de sua sensibilidade. [...] nesse movimento da transformação social, necessitam de espaço para processar, entender, tomar consciência da mudança, da diversidade, da multidimensionalidade que estão implícitas no processo de educar.(CAMARGO e RIBEIRO, 2000, p. 51).

Como resultado nossos educadores precisam estar sempre se aperfeiçoando, porque o conhecimento é contínuo, está sempre em transformação e que também não devemos nos preocupar apenas com os conhecimentos científicos, mas, ter um olhar mais humanizado e levar sempre em consideração os conhecimentos prévios de nossas crianças.

Castro, Abramovay e Silva (2004), observam que:

Em geral, os programas de capacitação sobre sexualidade, assim como prevenção, são promovidos em horários contrários às aulas, e representam ações breves e pontuais, sendo que muitos professores trabalham em dois turnos na escola. Essas capacitações têm sido apontadas como de qualidade insuficiente e as temáticas mais polêmicas têm sido abordadas de maneira não aprofundadas, faltando especialistas para possibilitar uma reflexão mais apurada. Essas dificuldades culminam em um despreparo dos professores para fazerem frente às suas responsabilidades pedagógicas, incluindo aí os temas transversais. Assim, a sexualidade tem ficado relegada nas prioridades curriculares. (CASTRO, ABRAMOVAY e SILVA, 2004, p. 44)

Abrimos mão dos nossos direitos como profissionais de termos uma boa capacitação devido muitas vezes a jornada de trabalho que é muito severa para assim podermos nos sustentar, ou por comodismo, ou até mesmo conformidade, está aí alguns motivos para temas como a sexualidade não serem discutidos em salas de aula, por não terem profissionais com requisitos para isso.

São os professores ou orientadores que se constituem interlocutores confiáveis para as questões da sexualidade; pois o trabalho do dia-a-dia é realizado por eles, são eles que mantêm com os alunos uma relação de proximidade, são eles que podem contribuir para que seus alunos tenham uma visão positiva e responsável da sexualidade. É por isso que Sayão (1997) reforça:

O trabalho em Orientação Sexual deve ser iniciado com o profissional que se sentir disponível para tal, requisito necessário, mas não suficiente. Não há necessidade de habilitação desse profissional na área biológica, uma vez que o fundamental é a postura do professor, sua capacidade de reconhecer como legítimas as questões dos alunos, acolhendo-as com respeito. É claro que serão necessários conhecimentos de anatomia do corpo humano, mas nada tão profundo e detalhado que não possa ser assimilado por um professor de outra área por meio de estudo e/ou pesquisa. (SAYÃO, 1997, p. 115)

Portanto concordando com o autor acima citado o tema da sexualidade é complexo, e que é necessária intimidade com a turma, e isso acontece com o

professor que está dia-a-dia com as crianças e ser feitas pesquisas para melhor responder aos questionamentos dos pequenos.

Para isso não existe solução a curto' prazo quando se refere a temas polêmicos como a sexualidade na hora de educar:

Educar a sexualidade dos outros requer uma prévia e/ou concomitante educação da própria sexualidade". "O pouco conhecimento sobre as temáticas de gênero e sexualidade apresenta-se como um dos fatores pelos quais professores, na maioria dos casos, continuam ensinando, mesmo que "discretamente", modos de ser e de se comportar de maneira diferente e desigual para meninos e meninas. (FELIPE e GUIZZO, 2004, p. 39).

Logo educar não é tarefa nada fácil, principalmente quando o assunto nos foi negado aprender ou sofremos repressão quando questionamos sobre ele. Então na difícil tarefa que é ensinar, mesmo sem querer ou sem perceber continuamos cometendo os mesmos erros do passado.

Por isso Felipe e Guizzo (2004) dizem:

Os educadores precisam estar em constante processo de atualização para que possam ter a possibilidade de assumir atitudes e posições reflexivas em relação às situações que acontecem cotidianamente nos espaços educacionais em relação a gênero, à sexualidade, à raça, etnia, dentre outros. (FELIPE e GUIZZO, 2004, p. 39)

Julgamos ser extremamente necessária uma constante atualização dos profissionais principalmente na área da educação para que possam ajudar seus alunos a refletirem e a atitudes positivas na modernidade em que vivemos.

Na visão de FIGUEIRÓ (2004) os professores têm que conceber a

[...] educação sexual como um caminho para preparar o educando para viver a sexualidade de forma positiva, saudável e feliz e, sobretudo, para formá-lo como cidadão consciente, crítico e engajado nas transformações de todas as questões sociais, ligadas direta ou indiretamente à sexualidade (FIGUEIRÓ, 2004, p.119).

Dessa forma temos que orientar nossos educandos para que eles próprios se descubram, se encontrem e trilhem seu caminho, fazendo suas escolhas positivamente sem sofrerem com os tabus impostos pela sociedade diante de tantas transformações e diversidades.

Para FIGUEIRÓ (2004. p.108), "um educador sexual deve orientar para o resgate do gênero, ajudar (...) a encarar a questão sexual como uma questão ligada diretamente ao contexto social".

Sendo assim nós educadores temos a responsabilidade de orientar, mas que cada um deve trilhar seu próprio caminho e fazer suas próprias escolhas ao que se refere a sua sexualidade, encontrando seu lugar na sociedade.

Para MAIA (2004) quanto ao desempenho dos educadores:

A orientação sexual pode ser desastrosa se os educadores estiverem despreparados ou forem incapazes de lidar de modo adequado com sua própria sexualidade, ou se os programas forem inadequados em seus métodos ou conteúdos (MAIA, 2004, p.169).

Todavia é de fato uma ação desastrosa ser feita uma orientação por alguém despreparado, frustrado com seus próprios tabus e que não se utilize de métodos e conteúdos que facilitem o diálogo com as crianças.

Segundo Souza (2002), as disciplinas podem ser trabalhadas complementando-se em relação à sexualidade:

Ao trabalhar orientação sexual com seus alunos, o professor deverá estar consciente da beleza e dignidade do sexo e da sexualidade, por que precisa desenvolver no jovem a capacidade de amar e de ser amado, de lidar com a afetividade e as emoções, além de ministrar o temário científico, tanto biológico como comportamental, psicológico. (SOUZA, 2002. p.119).

Então o professor deve trabalhar o tema sexualidade em harmonia com as outras disciplinas, e trabalhando a humanização por meio das emoções e de tudo de bom que contempla esse assunto.

Alguns docentes afirmam não encontrar uma linguagem adequada para utilizar com os alunos, para Nunes (2005):

Não temos “linguagem” para a sexualidade. Temos sim, de um lado, linguagem tradicional, depreciativa, estereotipada, estigmatizada, frequentemente de baixo nível; e, de outro, a linguagem sexual mais humanizada, afetiva e significativa. É mister construí-la, recriá-la... (NUNES, 2005, p.15)

Por consequência que exista a linguagem dos tabus que reprime e nos aprisiona e a linguagem da humanização onde visa o outro e não o preconceito. Nesse sentido, Mott (2003) apresenta algumas medidas de como o educador deve agir, das quais destacamos que “a primeira atitude é não se surpreender nem fazer escândalo: homoerotismo sempre existiu, sobretudo entre adolescentes. O estranho seria a ausência de estudantes com tendências ou conduta homossexual” (MOTT, 2003, p.74). Dessa maneira atualmente nós educadores não devemos nos surpreender com comportamentos homossexuais, e sim procurar aceitar as diferenças.

Nesse sentido, Grillo (2004) diz que a “docência envolve o professor em sua totalidade; sua prática é resultado do saber, do fazer e principalmente do ser, significando um compromisso consigo mesmo, com o aluno, com o conhecimento e com a sociedade e sua transformação”. (GRILLO, 2004, p. 78).

Com efeito, a prática do magistério é abnegável. O educador no seu exercício, e compromisso consigo e com a comunidade em geral transforma vidas com responsabilidade, respeito e humanismo.

## **CONCLUSÃO**

Percebemos com a conclusão desse artigo, que nossos docentes ainda não estão preparados para socializar sem preconceitos e sem tabus sobre o tema sexualidade, menos preparados ainda estão as famílias onde as crianças aprendem suas primeiras lições. As famílias transferem suas responsabilidades para a escola, quando a mesma tem que se fazer presente para somar-se e não em assumir um papel que não é só seu.

A sexualidade continua sendo um desafio para nos docentes, no sentido de uma melhor qualificação, tentar ser o mais natural possível, humano, não colocando nossas emoções e sim a razão.

Os docentes no exercício de suas atividades curriculares têm o domínio do saber, do fazer, do ser, mas, mesmo assim quando se trata da sexualidade existem barreiras para se trilhar um melhor caminho para atender as necessidades e curiosidades dos nossos educandos. É preciso que os docentes tenham oportunidades reais para realizarem cursos de aperfeiçoamento não só sobre a temática sexualidade, mas como outros temas que envolvam a sociedade e que tragam benefícios positivos na construção e reconstrução de novos conhecimentos.

Analisando a questão da falta de aperfeiçoamento dos docentes, a escola por sua vez deveria facilitar a capacitação com projetos e um bom planejamento, alcançando assim satisfatoriamente o objetivo em questão.

Em relação às crianças, a família e a escola devem caminhar juntas nas orientações, e esquecerem as repressões. Devemos entender que a sexualidade infantil é inocente, natural, e que a cada dia da mesma maneira que eles aprendem a ler e escrever, assim também é com o seu próprio corpo, e a curiosidade delas deve ser respondida e não ignorada.

A responsabilidade para se discutir sobre a sexualidade é de todos, família, escola, e sociedade em geral. A sociedade vive em constante movimento, em transformação, por isso, precisamos ter consciência dessas mudanças, nas diversidades e das várias identidades ocultas no âmbito escolar.

Desse modo nossos objetivos foram plenamente atingidos, porém, cabem novos estudos para aprofundar cada vez mais a temática.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Juliana Souza Valente de e MONTEIRO, Marlene Matos. **A sexualidade e orientação sexual nas escolas**. Disponível em [www.psicologia.pt](http://www.psicologia.pt). Documento produzido em 25.10.2013. ISSN 1646-6977.

BERNARDI, Marcello. **A deseducação sexual**. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

BOCK, Ana Mercês Bahia et al. **Psicologia**: uma introdução ao estudo de psicologia / Ana Mercês Bahia Bock, Odair Furtado, Maria de Lourdes Trassi; Teixeira. 13. ed. reform. e ampl. São Paulo: Saraiva. 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

Brasil, Ministério da Saúde. **Secretária de Atenção à Saúde**. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais/Ministério da Saúde, Secretária de Atenção á saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, p. 1-50. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli. **Sexualidade(s) e Infância(S)**: a sexualidade como um tema transversal. Camargo e Ribeiro. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999.

CAMARGO, A. M. F.; RIBEIRO, C. **Sexualidade(s) e infância(s)**: a sexualidade como um tema transversal. São Paulo: Moderna. 2000.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FELIPE, Jane. **Construindo identidades sexuais na Educação Infantil**. Páteo, (7), nov.98/jan.99. pp. 56-58

FELIPE, J.; GUIZZO, B. S. **Entre batons, esmaltes e fantasias**. In: MEYER, D.; SOARES, R. (Orgs.). Corpo, gênero e sexualidade. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 31-40.

FIGUEIRÓ, M.N. D. **O professor como educador sexual**: Interligando formação e atuação profissional. In: PAULO RENNES MARÇAL RIBEIRO. *Sexualidade e educação: Aproximações necessárias*. São Paulo: Arte e Ciência, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários á pratica educativa; São Paulo: Paz e Terra, 1996(página 24-26).

GAVIDIA, V. **A construção do conceito de transversalidade**. In: ÁLVAREZ, M. N. et al. **Valores e temas transversais no currículo**. Tradução por Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 15-30. (Inovação Pedagógica, v. 5)

GRILLO, M. **O professor e a docência**: o encontro com o aluno. In: ENRICONE, D. (Org.) *Ser professor*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 73-89.

KUPFER, Maria Cristina Machado, **FREUD E A EDUCAÇÃO** (O Mestre do Impossível).3ª edição. São Paulo: Editora Scipione,2005.

LOURO, G. L. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2000.

LOURO Guaraci Lopes (organizadora) et al. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade /; Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 176p.

MAIA, A.C. B. **Orientação Sexual na escola**. In: PAULO RENNES MARÇAL RIBEIRO. **Sexualidade e educação**: Aproximações necessárias. São Paulo: Arte e Ciência, 2004.

MOTT, L. **Homossexualidade**: mitos e verdades. Salvador: GGB, 2003.

NUNES, Cesar Aparecido. **Desvendando a Sexualidade**. 3ed. São Paulo: Papirus, 1987.

NUNES, C.A. **Desvendando a sexualidade**. Campinas: Papirus, 2005.

NUNES, C.; SILVA, E. **A educação social da criança**: Subsídios teóricos e propostas práticas, para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas: Autores associados, 2006.

RAMALHO, Cybele Maria Rabelo. **Gênero e diversidade na escola**: sexualidade e orientação sexual. Projeto Gráfico e Capa. Hermeson Alves de Menezes. Diagramação Neverton Correia da Silva. Aracaju/SE. 2014.

RATUSNIAK, C. **Educação do corpo**. In: BONA JUNIOR, A. (Org.). *A sexualidade em questão: estudos e subsídios sobre o abuso e a educação sexual de crianças e adolescentes*. União da Vitória: Uniporto, 2011.

SABAT, Ruth. **Só as bem quietinhas vão casar**. In: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela (org.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 95-106

SAYÃO, R. **Saber o sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola**. In: AQUINO, J. G. (Org.). *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997a. p. 107-117.

SOUZA, H. P. **Sexo, energia presente em casa e na escola**. São Paulo: Paulinas, 2002.

## DIGITAIS

<https://www.significados.com.br/pesquisa-qualitativa>. Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Solange Martins Oliveira Magalhães UFG Larissa Carneiro Albino FE/UFG Comunicação Acesso em 12/09/2017 às 14:00hs

<https://www.institutophd.com.br/pesquisa-quantitativa-e-pesquisa-qualitativa-entenda>  
Acesso em 12/09/2017 às 15:20hs

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Pesquisa\\_qualitativa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pesquisa_qualitativa) Acesso em 13/09/2017 às 18:00hs

<https://online.unisc.br/> Acesso 09/10/2017 às 15:00hs

## TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, \_\_\_\_\_, acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Amadeus/FAMA, orientada pela Prof. (a) e Dr. (a) \_\_\_\_\_, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso:

\_\_\_\_\_, atende às normas técnicas e científicas exigidas na elaboração de textos e ao Regulamento para Elaboração do TCC da referida Instituição.

As citações e paráfrases dos autores estão indicadas e apresentam a origem e ideia do autor (a) com as respectivas obras e anos de publicação.

O Código Penal em vigor, no Título que trata dos Crimes Contra a Propriedade Intelectual, dispõe sobre o crime de violação de direito autoral – artigo 184 – que traz o seguinte teor: Violar direito autoral: Pena – detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou multa. E os seus parágrafos 1º e 2º, consignam, respectivamente:

A § 1º Se a violação consistir em reprodução, por qualquer meio, com intuito de lucro, de obra intelectual, no todo ou em parte, sem autorização expressa do autor ou de quem o represente, (...): Pena – reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa, (...).

§ 2º Na mesma pena do parágrafo anterior incorre quem vende, expõe à venda, aluga, introduz no País, adquire oculta, empresta troca ou tem em depósito, com intuito de lucro, original ou cópia de obra intelectual, (...), produzidos ou reproduzidos com violação de direito autoral (Lei n.º 9.610, de 19.02.98, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais, publicada no D.O.U. de 20.02.98, Seção I, pág. 3).

Declaro, ainda, minha inteira responsabilidade sobre o texto apresentado no Trabalho de Conclusão de Curso.

Aracaju SE, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Assinatura da aluna concluinte